

A transbordante riqueza do ser

Notas da assembleia com a comunidade de São Paulo conduzida por Olavo Gruber e Gleyson Ferreira, responsáveis locais, e Marco Montrasi, responsável nacional de Comunhão e Libertação. Sábado, 25 de maio 2019

Texto de referência: Introdução aos Exercícios da Fraternidade

Olavo: O que me faz vir aqui, num sábado à tarde? Sábado frio, dá vontade de ficar deitado. Por que a gente veio aqui? Se eu olho para minha experiência, eu vejo que estou aqui porque tenho necessidade, sou um necessitado dessa experiência, desse lugar. Então, a primeira questão, é que a gente tenha a consciência dessa necessidade que temos. Queria aproveitar o momento da assembleia, para trazermos aqui o que brotou, o que aconteceu depois dos Exercícios da Fraternidade. Seja para quem foi como para quem não foi, que experiência a gente fez? Que perguntas surgiram? Podemos aproveitar este momento para caminhar um pouco mais.

Colocação: Já faz algum tempo que, além das dificuldades normais de uma família numerosa, minha filha mais velha está passando por um momento difícil que está me exigindo muito. Meu marido está trabalhando bastante e eu tenho estado sozinha diante de muitas questões que temos que resolver. Nos Exercícios, fiquei muito provocada com a pergunta que o Carrón nos colocou e olhando para a minha história pessoal dentro do Movimento, percebo que este lugar ao qual pertencço, define muitas das escolhas que fazemos em relação à família e mesmo dentro da minha vocação. Sou muito ajudada a olhar para esta pergunta com a necessidade de dar um juízo que esteja à altura do meu desejo. Eu coloquei para o meu grupo de Fraternidade, durante os Exercícios, que estou enfrentando uma solidão muito grande e não consigo estar inteira nas muitas coisas que tenho para responder. É uma situação em que o meu eu se sente esmagado, ao invés de exaltado. Uma contradição que está me incomodando muito porque eu tenho uma urgência constitutiva tão grande que se sou sincera, não posso me subtrair a ela, como diz Carrón quando citou Camus no ponto 3, onde ele fala da espera. E tento de qualquer jeito encontrar uma resposta. Comecei a pedir muito neste tempo que houvesse um lugar, uma amizade, um espaço que fosse só meu, e como em outras vezes, só uma presença foi capaz de responder. Como outra hora, ele me presenteou com um grupo de mães que fazem Escola de Comunidade comigo por internet. E, como eu não sabia como Ele iria se manifestar, mas certa de que iria, fiquei mais atenta a cada coisa nova que apareceu. Primeiro teve um encontro inesperado na semana após os Exercícios, com uma fraterna, que nem mora no meu bairro, mas por acaso estava passando lá e ouviu um pouco sobre as questões que estavam me incomodando. Também apareceu no meu prédio uma vizinha nova que se mudou e tem um bebê pequeno e trouxe um pula-pula para o condomínio e isso ajudou muito com as crianças. E, num outro momento, de um modo muito inesperado, na semana após os Exercícios eu recebi um telefonema que me surpreendeu. Uma pessoa da Comunidade que eu nem tenho tanto contato, me faz um convite desconcertante. Ela me pede para ir com ela fazer caritativa com mulheres imigrantes que passam situações complexas e têm filhos pequenos e estão aprendendo português para terem melhores condições aqui no Brasil. Uma proposta muito clara: no dia seguinte teria que ir à zona leste, ficar duas horas com as crianças para as mães poderem ter aula. Eu esperava tudo, menos isso. Você pensa que para resolver uma insatisfação do seu eu, para resolver um problema difícil da sua filha, você precisa tirar umas férias num SPA e, ao contrário de tudo isso, o que eu precisava era exatamente a proposta que ela me fez. Um convite para aderir a uma proposta educativa do Movimento que responde a uma exigência tão profunda como a de doar o meu tempo, que nem é muito livre por conta dos filhos, mas que acerta bem no alvo da minha necessidade mais humana de ser preenchida, numa exigência que não sou eu que me dou. E dando meu tempo para fazer caritativa com essa amiga, que nem pôde estar comigo naquele dia, eu percebi que ela foi a portadora dessa Presença que me quer tão bem, que para me arrancar dessa desproporção entre o meu desejo de ser feliz e o peso do cotidiano que quebra as pernas, me propõe um caminho que leva a uma resposta plena à exigência tão profunda que eu carrego. Agradeço por este gesto de amizade comigo, porque levou a sério esta pergunta que carrego me fazendo

uma proposta que poderia parecer tão absurda para uma mãe atarefada e, mesmo assim, esse foi o presente que Deus me deu para entender do que o meu coração é feito e o desejo de decidir seguir. Agora, eu queria fazer uma pergunta: eu percebi que esse gesto de amizade, como Carrón cita nos Exercícios, é o gesto mais verdadeiro que a gente pode ter entre nós. Como a gente se ajuda a reconhecer esta Presença através desse gesto de amizade?

Gleyson: Eu acho que a beleza do que você falou está principalmente quando disse que talvez achasse que o que queria era estar no SPA, o que era contraditório com cuidar das crianças. E eu acho que mais do que você falar que precisa cuidar das crianças ou fazer outra coisa, é que o seu olhar estava atento, aberto, querendo aquilo, por mais que às vezes não tivesse consciência. Para mim, me parece que a ajuda que a gente pode se dar, é ajudar a gente a estar com o olhar atento para que quando essa beleza passa, a gente capte. Como fala naquele ponto da espera, o olhar atento que capta as migalhas que ganha na vida. Então, para mim, o gesto de amizade com você foi te ajudar a se dar conta disso, de que o que você realmente queria não era se livrar do seu cotidiano, mas ir a fundo da pergunta.

Colocação: Faz mais ou menos um mês que nasceu Rebeca, nossa segunda filha, e eu e minha esposa estávamos receosos por como nossa filha mais velha reagiria. E me surpreendeu que no primeiro instante que a Rebeca esteve nos braços da mãe, Martina se jogou nos meus braços. A Martina pediu muita atenção para mim e eu não estava esperando isso. Passou um tempo e eu falei: “Não, daqui a pouco ela vai voltar para os braços da mãe, vai se aproximar da Rebeca”. E, não, essa relação continuou, se intensificou. Eu fiquei pensando na parte da preferência que fala o texto, que dentro daquela ação dela tinha como o grito de não deixar de ser especial, de não deixar de ser preciosa aos olhos de alguém. E isso aconteceu também com os avós, e eu pensei: olha como ela está brigando para que esse olhar, que é aquele materno, o primeiro, não a deixe. Quer que esse olhar especial, totalmente privilegiado, não se afaste dela. E eu fiquei pensando: mas eu brigo para ser preferido? Mexe algo em mim quando acordo, peço essa preferência para mim? Fiquei pensando que para a Martina isso foi sincero, natural, espontâneo. E em mim tem algo pesado para fazer essa experiência que ela está fazendo. No fundo eu quero ser preferido porque existo.

Bracco: Eu acho que é muito importante o que você falou porque obriga todo mundo a ir mais a fundo nisso. Como você falou, não é uma coisa fundamental só para as crianças essa experiência. No fundo no fundo, o adulto se complica quando se esquece de ser criança. Porque a criança é ela com ela mesma, não tem outras coisas para camuflar. Nós, quando crescemos, é como se por uma defesa, começássemos a nos afastar de nós mesmos. Colocamos as nossas máscaras, e quanto mais nos tornamos adultos, mais nos autoconvencemos que podemos viver sem ser preferidos. Mas, no fundo no fundo, sabemos que não é bem isso que procuramos. É por isso que depois nasce o ceticismo, a pessoa se acomoda. Então, por que procuramos essa experiência de ser preferido? O que acontece na experiência de ser preferido? O que é essa preferência? Quando nós nos sentimos preferidos? Se eu tenho que entender alguma coisa conforme falamos de liberdade, temos que olhar a nossa experiência e falar: quando me senti livre? É a mesma coisa aqui, não? Quando me senti preferido? Porque às vezes nós procuramos uma coisa a vida toda, também uma certa ideia de preferência, e no fundo a verdadeira preferência é uma outra coisa, e nós nos confundimos. Então, quando eu me senti preferido, o que aconteceu?

Colocação: Não sei, começando a não se defender, a se deixar abraçar. É que tem uma coisa que acontece com frequência e pensar e saber que um é preferido. Não precisa saber. A pessoa sempre procura e se defende. Veja como sou bom para ser preferido! Para mim fica uma questão aberta, uma ferida.

Bracco: Enquanto ele falava eu pensei em quantas vezes me confundi, quantas vezes fui atrás de uma preferência e não me senti livre. Na preferência acontece uma explosão de liberdade, e para mim foi quando eu ouvi falar de João e André. Foi numa sala onde eu nem consegui entrar, nem ver a pessoa que estava falando, que era Dom Giussani. Se eu tenho que identificar uma experiência de preferência, onde

nasceu para mim o entendimento do que é uma preferência, foi quando eu ouvi Giussani falar de uma certa forma de João e André, que iam atrás de Cristo. Eu ouvi de longe, não consegui ver porque tinha muita gente. Mas naquele dia começou a ferver dentro de mim algo que eu não sabia dizer o que era. Foi uma explosão de liberdade. Mas foi através de um homem que eu nem conhecia! E se penso hoje, a verdadeira e mais forte experiência de preferência é está que me faz viver! Alguma força que me faz viver, pela qual eu volto a viver, a respirar. E Carrón sempre fala, citando Dom Giussani, que “as coisas mais importantes são aquelas que falo para todo mundo”. E como pode acontecer uma preferência nesse método tão estranho, de algo que alguém fala para todo mundo, não fala para mim no particular? Nós muitas vezes ficamos tristes ou encolhemos porque achamos que não temos uma preferência, que não somos preferidos. Mas é porque estão indo atrás de uma outra coisa que parece verdadeira. Quando sou preferido? Quando desperta algo dentro de mim que me faz voltar a viver, voltar a respirar, voltar a ter o meu eu vivo. Então, essa coisa me marcou demais porque eu lembro quando eu comecei a me sentir preferido. E não foi dentro de um relacionamento particular. Quem é o meu “cardeal”? Quem eu estou encontrando que pela forma que ele vive me faz viver também? Quem eu procuro? Por isso eu posso mudar a forma como organizo o meu dia, porque preciso voltar a encontrar quem gera em mim essa experiência. Mas, pode ser um texto de Carrón que chega uma vez por semana, uma vez a cada quinze dias. Quando eu voltei para casa eu não fiquei triste porque não ia mais encontrar Dom Giussani. Comecei a estudar e a procurar as pessoas que me lembravam dessa coisa. E nós, de que preferência vamos atrás? Então, essa coisa que você falou, eu não queria perder porque, como a ideia de liberdade, temos que sempre nos perguntar: que experiência eu faço de ser livre? Porque tenho uma ideia falsa de liberdade, e assim podemos pensar que não somos livres ficando com os filhos, ficando com a esposa/marido, ficando no trabalho. Qual é o ponto onde eu faço experiência de liberdade? É a mesma coisa onde eu faço experiência de ser preferido. O que significa? Não deixem em abstrato isso. Para você, na sua experiência, o que significa? Porque sem a experiência de um olhar voltado para mim, sem a experiência de um olhar que me faz respirar, eu não vivo! Porque agora aquele gesto da amiga que te telefona e te convida para a caritativa te faz despertar algo e você se pergunta: caramba, mas do que eu preciso? Abre uma dinâmica nova nas nossas amizades. E você precisa decidir se vai voltar a A ou se fica em B, com a consciência do que aconteceu. A consciência do que aconteceu é reconhecer que tem alguém, tem um olhar dentro de um olhar que chegou até mim e fez acontecer algo que não era pra acontecer. E isso gera uma dinâmica entre nós que nos muda, temos que ir atrás. É como um dever, uma bactéria, um vírus por contágio que muda.

Colocação: Tenho ficado muito provocado como Cristo tem me solicitado em ter um protagonismo na minha realidade. Partindo dessa pergunta dos Exercícios: “O que resiste a passagem do impacto do tempo?”, eu fui percebendo o impacto de que o que ficou na minha realidade com o passar do tempo foi uma educação que o Movimento me deu de olhar sempre para o desejo de beleza, de verdade e de justiça. Inicialmente, parecia até um jogo de palavras, mas aí eu fui vendo que isso começou a tomar um corpo em algumas ações no meu trabalho. Hoje, eu coordeno a área de matemática de uma instituição de ensino e uma das ações que eu faço envolve verificar o comportamento e desempenho dos alunos e uma avaliação chamada unidade em escala. Eu tinha percebido que esse processo de análise estava equivocado, e vim apontando isso para os meus amigos, para os pais e chegou um ponto em que eu tinha que apontar para os meus superiores e aí começou o desconforto. E aí, foi bonito porque eu fui percebendo que não era um empenho só meu, é que eu buscava uma verdade com aqueles números porque eu sei que aquilo tem um impacto direto. Eu não quero justificar resultado baixo, na verdade eu quero justificar a verdade, partir da verdade. E foi interessante que começou a crescer esse desconforto a ponto que alguns amigos começaram a burlar o próprio sistema e eles começaram a falar: “ah vamos fazer igual todo mundo, todo mundo burla os processos”. E isso me incomodava e me feria, porque vinha a pergunta de novo: “O que resiste à passagem do tempo?”. Para mim ficava muito claro. Se essa afirmação é uma verdade ela tem que prevalecer. Aquilo foi criando um corpo dentro de mim, mas não foi um empenho meu, porque eu via que aquilo ia se tornando um incômodo tão grande que eu não conseguia mais. No final, resumindo, eu briguei com mais de trinta pessoas e eles tiveram que ceder. Mas, não ao meu desejo, não era isso, era ceder ao desejo de verdade. E aí eu comecei a intuir, também

com a ajuda dos meus amigos, que o que resiste a passagem do tempo é esse desejo de beleza, esse desejo de verdade e esse desejo de justiça. Isso foi impregnado em mim e foi uma educação que o Movimento me deu. Quando eu fui vendo, isso está de tal maneira em mim, que em todas as coisas que eu realizo no trabalho, isso começa a vir mais à tona, começa a vir com mais energia. Claro, depois que você reconhece isso também com ajuda dos amigos, te dá uma gratidão porque é uma preferência muito clara. A gente reconhece que Cristo passa na nossa frente e muitas vezes não percebemos. E é numa ação – via números – que essa verdade passou perto de mim e eu consegui captar. Nossa, como é bonito!

Bracco: Na introdução, a um certo ponto Carrón falava: “Mas é justamente essa pergunta, que devora a alma, o que leva Borges a buscar incansavelmente o que pode responder a ela: ‘E o seguirei buscando até o dia / último de meus passos pela terra’. Às vezes pode até parecer uma loucura colocar essa pergunta”. Mas, por que tem sempre esta pergunta? Por que todo mundo que fala que voltou dos Exercícios ficou marcado por esta pergunta? “Às vezes pode até parecer uma loucura colocá-la. No entanto, a urgência de que estamos falando é tão constitutiva, que, a despeito de qualquer aparente bom senso, o homem leal, em última instância, não pode subtrair-se a ela”. Nós carregamos esta pergunta mesmo quando não queremos, carregamos a necessidade de resposta a esta pergunta mesmo não querendo. Mesmo não querendo olhar para este problema. Quando acordamos de manhã até chegar à noite, o motor que nos move é esta pergunta, é encontrar uma resposta a esta pergunta. Só que temos dentro como uma autodefesa que ao nos tornarmos adultos, bloqueia, afasta, porque não é como ficar sempre com este negócio dentro que te perturba. “Por isso Camus rebela-se e afirma, grita a verdade dessa inelutável urgência, através da voz de seu Calígula: ‘Mas eu não estou louco e nunca fui tão razoável. Simplesmente senti, repentinamente, uma necessidade de impossível. [...] As coisas, como são, não me parecem satisfatórias. [...] Este mundo, tal como foi feito, não é suportável. Por isso preciso da lua, ou da felicidade, ou da imortalidade; enfim, de algo que talvez seja insensato, mas que não seja deste mundo’”. Estamos vivendo um período com um clima que tem esse grito, mas é como se fosse tudo pra baixo, tudo tendendo a desmoralizar, tendendo a depressão. Também entre nós. Não é que não temos perguntas, estamos cheios de perguntas, todo mundo está cheio de perguntas, todo mundo está cheio dessa exigência, dessa insatisfação. Mas, tem uma insatisfação que pega como um outro caminho. Foi isso que eu encontrei no Movimento. Não é uma insatisfação que vai dentro do buraco do ralo, é uma insatisfação que parece que pega outro caminho, positivo, que te faz dizer isso: “Mas, eu não estou louco. Eu não estou louco”. Tenho dentro algo impossível, quase impossível certeza. Mas, nós temos esta impossível certeza ou temos a possível incerteza? Porque nós podemos viver este momento fazendo parte do problema também. No fundo no fundo, com essa insatisfação que te leva pra baixo, no negativo, sem esperança. Ao invés, tem uma posição aqui que te faz dizer isso: “Mas, eu não estou louco. Tem alguma coisa que não é deste mundo que eu estou desejando, que eu vou encontrar”. É uma certeza de alguma coisa que vai encontrar, não que nunca vai encontrar. Por isso, quando alguém te coloca de novo o dedo aí você agradece, porque é como se mudasse o sentido de algo que é inevitável que temos dentro. Todo dia temos dentro isso, só que pode ir para o nada, para baixo, porque não tem mais uma resposta, e eu me torno parte do problema, ou tem uma insatisfação, tem uma sede que te faz ser como Calígula, desejar a lua. Não é que a insatisfação te é tirada. Por isso agradecemos a Carrón, que é um ponto histórico que temos hoje, que é alguém que não te dá uma “respostinha”, mas coloca o dedo na ferida, porque sem esse motor eu não vivo mais, porque nós desejamos a lua, esse impossível. Mas, nós podemos viver sem a esperança, como se fossemos vazios, sem dar importância para o desejo. Por isso nós precisamos destes lugares, como o Movimento, porque continuamente desperta essa coisa constitutiva que eu esqueço, que eu abafio, que eu não quero olhar porque tenho medo. Ao invés, é um motor do meu eu, essa busca. Mas, é a busca de que? A busca de quem? Por isso Carrón fala depois que a fé é o problema. É um conjunto de dados casuais o fato de estarmos aqui? É um momento bonito de troca de experiências, como tantos que acontecem em São Paulo ou algo que tem a ver com sua fé? Se alguém te perguntasse o que significa a tua fé? Qual é o pilar da tua fé? O que você responderia? Qual o motor da minha fé? Aliás, qual o motor da minha vida? O que é essa lua? O que é o impossível? Qual é essa resposta? Se alguém de nós fosse parado na rua e lhe perguntassem isso, como responderia? Eu responderia certo de um homem que morreu e algumas mulheres foram lá achando que estava morto e o

túmulo estava vazio. Porque é isso que me moveu e me move, se este fato é verdade ou não. Porque essa é minha fé. Eu preciso vê-lo, por isso vamos à caritativa. Sem a caritativa não somos ajudados a ver, ficamos sempre com o jardineiro chorando continuamente porque tem um morto no túmulo. Não vai ver, não vai ouvir que Ele chama o teu nome, a preferência. Dentro dessa companhia que parece nada – uma pessoa que te convida a um gesto, a se encontrar, fazer isso que estavam fazendo –, eu sou ajudado, como os Apóstolos depois que Ele morreu, a poder ter os olhos e ouvidos para reconhecê-Lo, para reconhecer a beleza quando passa, para não ficar como um sonho. Mas nós temos que ter esta coragem: eu estou no sonho ou há uma realidade? Essa fé de um homem que morreu e ressuscitou e está aqui. É como se tivéssemos nesse momento, que é de arrepiar, que coloca tudo em discussão. Eu não posso viver de uma fé que não seja verdadeira pra mim porque não responde a esta pergunta. Então, precisaremos viver como todo mundo, esquecendo ou nos lamentando. Mas, eu O vejo, vejo essa Presença, faço essa experiência? Jesus disse “Maria”, e ela reconheceu o maior jardineiro. Todas as vezes que a gente se encontra é assim, uma reunião de Fraternidade, nossos encontros, é para reconhecer o jardineiro. Mas se não me acontece alguém que me educa assim, eu vou vê-lo, mas depois de um pouco eu vou embora, porque a minha fé é vazia. É uma bela caixinha colorida com todos os desenhinhos, com todas as datas, todas as marcas daquilo que aconteceu, mas é vazia, porque eu não faço mais a experiência dessa preferência. Porque pra mim ser preferido é alguém que chamava “Maria”, que chama o meu nome.

Colocação: Eu encontrei o Movimento em 1978, eu fui às primeiras férias dos jovens. E nesses anos todos, pela primeira vez eu não fui aos Exercícios. Eu tive uma crise de labirintite uma semana antes e tive que ir ao hospital, estava tonto, não parava em pé. Cheguei ao hospital, fizeram alguns exames e por causa do meu histórico me internaram. Era só uma crise de labirintite, mas eu não pude ir aos Exercícios. Bacana foi que meus amigos sabiam que eu não ia e ao acabar a introdução da sexta-feira à noite, todo mundo me passou as anotações. Quando acordei no sábado de manhã já tinha o texto que estamos trabalhando na internet, às 8h eu já tinha lido tudo. Meu Deus, que fantástico! Mas aí eu me dei conta que o mais importante não é o trabalho que eu posso fazer do texto, o importante é o acontecimento que indo aos Exercícios você vive. Tudo bem, a gente vai trabalhar o texto, é importante isto, porém nada substitui o acontecimento de você sentir o impacto daquelas coisas todas. Então, a primeira coisa que me marcou foi a questão de quanto eu preciso da amizade, o quanto em todas as dificuldades que a gente passa o amigo nos ajuda a não perder o ponto essencial. Logo, eu fiquei muito grato a todos que se lembraram de mim, que me ajudaram a ficar ligado naquele passo que nós estamos dando com essa pergunta, com esses Exercícios. Então a primeira coisa importante que me ajuda a permanecer na companhia do Senhor e a fazer com que dure a beleza na minha vida são os amigos, e a segunda é não termos medo da realidade, aceitar as coisas que acontecem confiando que o Senhor não vai nos abandonar. Eu digo isso porque depois que eu fiquei doente, fiquei com uma sequela na visão, e não posso mais dirigir. Isso é muito duro! Mas o fato é que isso não me deixa mais fazer Escola de Comunidade na sede. E aconteceu que o Vando veio ser pároco aqui no meu bairro. E eu pensei: “Deus está me chamando a voltar a viver dentro da igreja que sempre frequentamos”, e eu aceitei esse desafio. E posso dizer como tem sido bonito o encontro com muita gente nova que eu não esperava e estamos fazendo a experiência de redescobrir a beleza da amizade, com uma simplicidade muito grande. Quando a gente aceita os desafios que o Senhor coloca, a primeira impressão é que vai ser ruim, pensa que está perdendo, mas não estamos perdendo nada, estamos ganhando! Então o que faz durar e ter sentido é não se fechar. É aceitar os desafios que a realidade propõe. Não deixar os amigos de lado, manter vivo esses laços de amizade que tornam Cristo presente e ter uma abertura de coração para aquilo que o Movimento nos coloca. Eu acho que isso aí tem mantido viva a minha experiência, viver desse jeito e seguir o Movimento de coração.

Olavo: Eu quero reforçar uma coisa que ele falou: nada substitui o fato de você estar nos Exercícios. Então, eu percebo também na experiência da convivência, como são importantes as indicações que o Movimento dá pra gente. Nada substitui as propostas que o Movimento faz para gente. Hoje, por

exemplo, como eu ganho quando estou aqui, o que eu ganho quando eu respondo, responder também é isso, seguir a proposta, nada substitui o fato de estar com os amigos nos Exercícios.

Bracco: Também na Fraternidade nós nos encontramos com os priores e vemos que tem sempre um problema. Tem aqueles que não vão mais, os que nunca aparecem, os que vão só à Fraternidade. Então, quem vai fica triste porque os outros não vão. Assim, nunca vão aparecer aqueles que não vão. Gera um círculo vicioso. Então, o que ajuda mais? O Carrón está citando muito Dom Giussani que fala da *transbordante riqueza do ser* que acontece em alguns. Uma transbordante riqueza do ser que um Outro faz acontecer, um Outro presente que eu vejo, que eu não confundo com a amizade bonita, não confundo com uma mensagem recebida só pra mim, eu não confundo. É aquela presença que morreu e ressuscitou que está presente aqui, porque eu faço a mesma experiência do olhar que eu vi no Evangelho. É um olhar dentro do meu olhar que eu vejo em alguém que te faz transbordar. Isso é aquilo que ajuda quem não está aqui. É muito bom a gente ter cada vez mais essa certeza, porque com os primeiros apóstolos já aconteceu. Se estamos aqui é porque um grupinho de pessoas, no momento mais difícil da vida talvez, não desistiram. Não é só agora a dificuldade. Então, numa situação assim por que não desistiram? E nós, aqui, por que eu não desisto? É a experiência de alguns que encontram esse homem, e sei que encontraram porque acontece dentro de mim essa experiência. Uma transbordante riqueza do ser. Não sou eu que me dou isto. E me lembro de Madalena, me lembro de João, me lembro de André, me lembro d'Ele. É isso que pode ajudar quem não vem mais, quem não está vindo. Que eles vejam uma coisa que vai tão rápido, que se eu estou parado sinto que estou num outro mundo. Mas quando ele vier, se encontrar uma coisa que está mais parada do que ele não sentirá vontade de voltar.

Outra coisa que eu queria dizer é que me marcou muito quando o Carrón falou da experiência da *autoridade*. Temos que retomar isso. Autoridade que não sou eu, que não são eles. Autoridade é uma pessoa em quem aconteceu essa transbordante riqueza do ser. É isso que temos que procurar. Autoridade são essas pessoas que nos são dadas pelo Mistério. É assim que acontece. Pela graça de Deus, o Mistério nos dá essas pessoas. Nós temos que deixar vencer o desejo de ficar próximos dessas pessoas. E tem um monte de modalidades para ficar próximos. No meu canto dos olhos tem uma pessoa, essa é a primeira coisa. Às vezes nem precisa ser amigos. Hoje, recebi uma mensagem de uma pessoa que nem conheço direito, mas que me marcou muito. Ele fala assim: “Obrigado pelas suas palavras na página 33 da *Passos de Maio*. Testemunha a presença histórica de Cristo, justamente porque é como se o tempo ganhasse outra dimensão. A dimensão da permanência da Presença como o centro. Não sei explicar muito bem, estou comovidíssimo, em silêncio por essas palavras. Experimento uma preferência última em mim. Lendo essas coisas, identifico na comunidade e no meu entorno, esta revolução da dinâmica da história que acontece e que vibra hoje”. Esse é um cara que está fazendo a experiência de ser preferido e tem uma transbordante riqueza do ser que ele está vendo lá, não está vendo em mim. Através de uma coisa que eu escrevi, ele está reconhecendo lá, onde ele está.

Colocação: A pergunta que levei nos Exercícios, antes de começar, foi: “Será que ainda existe algo nessa companhia, depois de tanto tempo, que possa responder às minhas necessidades?”. Quando eu cheguei aos Exercícios eu vi todo mundo de cabelo branco, inclusive eu, e o primeiro sinal foi muito negativo. Mas quando o Carrón começou a falar e colocou essa pergunta “Existe algo que permanece? Existe algo que dura para sempre?”, eu voltei provocadíssimo. E conversando com amigos durante a semana, eles perguntaram o que eu fiz no fim de semana, e eu falei que fui a um retiro. Eles responderam que eu estava lá na frente, vanguarda! Disseram que o tema era pesado ao falar da pergunta e essa foi a primeira provocação que eu tive: ninguém fora daqui ousa responder a essa pergunta. Nesse sentido, eu me dei conta de que a nossa experiência é a mais radical de todas. Nós somos os radicais porque nós nos propomos a responder esta pergunta, pelo menos a erguer a bandeira dela. Eu continuei a semana inteira, com altos e baixos, carregando esta pergunta, e me dando conta de que todas essas perguntas que os Exercícios tinham me levantado, sobretudo esta – se existe algo para sempre – se tornaram uma guia para eu comparar com tudo que eu fazia. A preferência que eu dava aos acontecimentos do dia a dia tinha a ver com esta pergunta. Por exemplo: Isso faz durar mais as coisas ou faz durar menos? Como eu gasto o meu tempo? Na semana passada a gente teve o primeiro encontro do

meu grupo de Fraternidade e durante anos a minha objeção ao grupo era o fato de eu não ter intimidade com todo mundo. Alguns me conhecem muito bem, outros me conhecem um pouco menos, outros eu só vejo no Movimento, mas não me sinto à vontade. Na experiência dos Exercícios, na reunião do grupo, eu percebi mais uma vez que esta pergunta era colocada à tona e o que mais me impressionou foi que eu saí de lá com essa pergunta ainda mais aguçada. O grande aprendizado que eu tive disso tudo foi que a experiência que eu faço de Fraternidade no grupo está muito mais ligada ao fato de manter essa pergunta acesa e não a intimidade que eu tenho com eles.

Olavo: Sobre o que você falou agora, o Carrón chamou atenção nos Exercícios, que parece óbvio que nós tenhamos interesse por nós mesmos. Mas, ele fala que “o supremo obstáculo ao nosso caminho humano é a negligência do eu”. Então, enquanto você falava eu ficava pensando um pouco: a gente se dá conta dessa necessidade que a gente tem? Eu me vejo no dia a dia, em casa, no trabalho, nas coisas que acontecem, eu me dou conta da necessidade que eu tenho? Ou eu sou cínico comigo mesmo? Eu sou negligente comigo mesmo e passo por cima disso? Então, pra mim a questão que fica é que quanto mais tenho consciência dessa necessidade, mais eu tenho que ir em busca disso, mais eu tenho que ir atrás. A questão pra mim que é importante, que você colocou também é: “Onde que eu reconheço que alimenta em mim este meu rosto? Onde que eu sou feito?”.

Colocação: Nesses dois primeiros pontos, essa questão do amigo me marcou muito, porque amigo não é só aquele que nos ajuda a fazer a pergunta, mas a sustenta. Nessa semana, acordei terça-feira de manhã e recebi a mensagem de um amigo que não tem o hábito de me mandar WhatsApp, e eu fiquei pensando: “o que será?”. E é um amigo que fez uma experiência profunda comigo na época dos Colegiais, conheceu o Movimento comigo e por inúmeros fatores, questões dele, não continuou nesse caminho. Mas éramos muito amigos de verdade. Nessa mensagem falava um pouco desse tempo, que faz dezessete anos, e ele falava desse vazio que ele vive desde então, desse vazio que ele carrega com ele. E aí ele me escreveu que queria compartilhar aquilo comigo porque eu fui uma pessoa que resolvi permanecer na vida dele. Primeiro, eu fiquei muito impressionada com as coisas que ele escreveu, de uma humanidade gigantesca de conseguir olhar esse vazio, e percebi nele a humanidade que muitas vezes não vejo em mim. O vazio está lá e eu continuo a minha vida e ele olha para esse vazio com um desejo muito grande e aquela mensagem carregava o pedido de ter uma companhia. E aí fiquei pensando também na nossa amizade. Se algum fiozinho o manteve próximo, talvez tenha sido minha amizade, ou de outras pessoas que também são amigas e pensei como Cristo acolhe todo mundo. Independente da gente, dos nossos limites, Ele permanece sempre. Então, quando esse amigo fala que quer compartilhar isso comigo porque eu resolvi permanecer, é Cristo que permanece. Isso me provocou de várias formas. Outra coisa é que há duas semanas minha filha que tem 7 anos foi para um acampamento com a escola. Honestamente, eu e meu marido não ficamos nos questionando muito se devíamos mandar ou não, porque todos os amigos iam e a gente confia muito na escola. Chegando a data, as mães estavam enlouquecidas, muito ansiosas, e ficavam mandando mensagens. A escola tem Instagram, ficava fazendo *stories* o tempo inteiro e as mães compartilhavam mostrando as filhas e eu de verdade estava tranquila. Mas de noite ela não estava e a irmã que tem 4 anos perguntava se eu não tinha saudades dela. Ela estava se divertindo, pra mim estava tudo tranquilo, até comecei a me sentir culpada, achando que deveria me sentir desesperada. E aí minha filha voltou super contente, contou tudo. Naquela noite fomos rezar e ela falou que uma amiguinha lá faz outras orações, não só essas, porque antes dela sair eu não falei “reza antes de dormir”, falei “divirta-se, escova o dente”. Então eu perguntei: “Você rezou?”. E ela: “Rezei”. E eu fiquei olhando para aquilo e falei: “Nossa, eu estou distraída e vem uma coisa e salva tudo”, e minha filha já interceptou isso. Então, essa coisa de influências para os filhos, a gente não precisa ter medo, porque tem uma outra coisa que vem antes e salva tudo. Nos Exercícios se falou assim: “O imprevisto é nossa única esperança”. E eu fiquei com isso, querendo entender melhor isso e intuindo esse fato com minha filha, esse fato com meu amigo, que é isso, a esperança está aí.

Bracco: O que é que pode gerar mais esta transbordante riqueza do meu ser, se não algo que eu não esperava, algo não previsto que chega e me surpreende? Um imprevisto que me surpreende. Quando

algo acontece e você já sabe, é difícil que aconteça esta transbordante riqueza, não? Então, é bonito isso, porque estamos numa época onde as crianças estão adultas cada vez mais cedo, porque são colocadas dentro de um mundo onde tudo acontece mais cedo, então a cabeça vai mais rápida do que 2, 3, 10 anos atrás, elas perguntam coisas e precisam de respostas antes, vão fazer acampamento aos 7 anos. Quando vem o medo dos pais, a primeira coisa é tentar protegê-las. Quem cuida ou quem pode ajudá-las a enfrentar as perguntas que vão chegar cada vez mais cedo? E as perguntas são as mesmas que nós temos. A maior ajuda é se nós adultos não temos medo dessas perguntas. Então, cada vez mais, não é protegendo, mas é se os adultos estão fazendo esse caminho de não ter medo dessas perguntas, de testemunhar uma transbordante riqueza do ser. Não precisamos fazer a Escola de Comunidade com elas aos 7 anos, mas elas precisam ver vocês. Depois, terá a proposta. A coisa que mais ajuda as crianças é que elas vejam quando os pais estão vivendo isso. Elas respiram essa beleza que se torna delas também, como você falou. Aquilo que estamos testemunhando que aconteceu nos Exercícios é para os nossos filhos, é também para eles que vai gerar uma novidade, como gera uma novidade no trabalho, na Escola de Comunidade, na Fraternidade. Não pode ser mais a mesma coisa!

Olavo: Eu quero aproveitar a presença do Bracco aqui para nos ajudar a entender uma questão que eu acho que é importante, que é a questão do fundo comum. Qual a importância desse gesto?

Bracco: Um amigo do Rio nos contou que voltou tão marcado pelos Exercícios da Fraternidade que decidiu programar todo o fundo comum do ano. Para a esposa isso foi um acontecimento. Quando não pagamos o fundo comum é sinal de que o caminho se tornou óbvio, se tornou uma caixinha vazia, bem decoradinha, bem guardadinha, mas está vazia porque quando acontece um acontecimento, é como uma onda que começa a tocar outras coisas. A tua Fraternidade não é mais a mesma, a tua esposa não é mais a mesma e o fundo comum não é mais o mesmo, porque é um amor que se dilata, é uma paixão que se dilata. Então, mais do que se preocupar agora em ter que pagar o fundo comum, é olhar o fundo comum como um teste disso. As coisas mudam pela consciência que tomamos. Logo, o fundo comum é isso. É um teste para ver até onde me tocou isso ou está me tocando. Se eu desejo uma coisa, faço algo para me lembrar. Peço para o cara da Fraternidade me lembrar, mas isso é o mecanismo que parte quando te acontece alguma coisa. E se eu tenho consciência do que é o Movimento, as despesas que temos com a sede, as comunidades que vamos visitar, as pessoas que vêm nos encontrar, tudo isso é o fundo comum que paga. É uma consciência que se dilata. Um dia ouvi uma coisa do Papa que falou: “Quando fizer a caridade tem que sentir pesar”. E na missa um mendigo me pediu ajuda, eu só tinha R\$ 20,00. Mesmo pesando eu entreguei aquele dinheiro e compreendi de fato o que o Papa disse. A oferta na igreja é um gesto que educa, assim como o fundo comum.